

Pelo Batismo todos somos missionários



«Deixa-te guiar pelo Espírito»
Rm 8, 14

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
Joana Galvão Teles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

Pelo Batismo todos somos missionários

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Domingos de Verão
8	7 Julho - Domingo XIV do T.C.
12	14 Julho - Domingo XV do T.C.
21	21 Julho - Domingo XVI do T.C.
25	28 Julho - Domingo XVII do T.C.
30	4 Agosto - Domingo XVIII do T.C.
36	11 Agosto - Domingo XIX do T.C.
40	15 Agosto - Assunção da Virgem Santa Maria
45	18 Agosto - Domingo XX do T.C.
49	25 Agosto - Domingo XXI do T.C.
53	1 Setembro - Domingo XXII do T.C.
	PARTE II
60	Mês Missionário Extraordinário – Outubro 2019
70	Próximas atividades da FaMVDei Lisboa

Pelo Batismo todos somos missionários

De cada vez que o Papa Francisco publica um documento, provoca uma renovação, um sobressalto, surpreendendo-nos positivamente.

Este ano de 2019 colocou-nos muitos desafios, quase não sabemos nem por onde nem por qual começar, apesar de, quando nos informamos, vemos que a linha condutora de tudo é a mesma: “O Papa quer uma Igreja em movimento, comprometida, e não instalada, sem medos, aberta ao mundo, não apenas conservadora de tradições, quer uma Igreja viva e evangelizadora”, A Igreja ou é missionária e, portanto, evangelizadora, ou não é Igreja. Este é o *“leitmotiv”*, **“o motivo condutor”**, no que respeita à vida da Igreja.

Tudo isto é o que está por trás, e unifica, vários acontecimentos que, como Igreja (não esqueçamos que Igreja somos todos) não podemos ignorar.

Temos notícia recente da criação, pelo Papa, de um “Superministério” para a Evangelização na nova Constituição Apostólica, com a iminente saída da Constituição *“Praedicate Evangelium”*, que certamente teremos nas nossas mãos por finais de junho. O Papa pretende legislar para a Igreja, impelindo-a a ser uma Igreja Missionária, projetada na sua exortação apostólica *“Evangelii Gaudium”*. A principal novidade radica na criação de um grande dicastério para a Evangelização, situado mais além da histórica Congregação para a Doutrina da Fé, e que unificará a Congregação da Evangelização dos povos, conhecida como *Propaganda Fide* (Propagação da Fé), e o Conselho para a promoção da Nova Evangelização.

Tudo o que foi dito anteriormente – que é bom saber-se, para que a Igreja seja informada e formada – traduz-se na citação de Paulo

"Pois todo aquele que invoque o nome do Senhor se salvará. Mas como O invocarão, se Nele não acreditarem? Como acreditarão Naquele Que não ouviram? Como ouvirão sem que se lhes pregue? E como pregarão se não forem enviados? Como diz a Escritura: Quão belos são os pés dos que anunciam o Bem! Portanto, a Fé vem da pregação; e a pregação, pela Palavra de Cristo" (cf. Rm 10, 14-17).

Efetivamente, para que o mundo creia, para o contagiar de Fé, há que propagá-La, porque a Fé que não se propaga apaga-se; daí a necessidade urgente de uma evangelização concreta e explícita

Talvez o Papa, pensando nestas grandes reformas que tinha em mente fazer na Cúria Romana, nos tenha vindo a preparar, através de alguns acontecimentos convocados já em 2017: O Mês Missionário Extraordinário e o Sínodo da Amazônia, que terão lugar em outubro próximo, mas que já temos vindo a viver desde outubro de 2018.

Com o Mês Missionário Extraordinário (MME), o Papa, quis pôr todas as Dioceses do mundo em "estado de missão", e emite uma diretiva explícita à "*Missio ad gentes*", ou seja a evangelizar os confins do mundo, que é o grande mandato de Jesus: "*Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho, batizando a todas os povos*" (Mt 28, 19) e, muito acertadamente, nos ofereceu um lema: "**BATIZADOS E ENVIADOS**".

É um convite a atualizar o nosso Batismo, o teu, e o meu, o de cada um de nós, sem distinção de raças, sem diferenciar os que foram batizados em bebé ou em adultos, todos, absolutamente todos, somos missionários pelo Batismo e desde o Batismo. E, para exercer este dever e este direito, temos de ser evangelizadores com a nossa vida, o nosso testemunho e a nossa pregação. E também, como diz Paulo: "*Pregar o Evangelho não é para mim nenhum motivo de glória; é, antes, um dever que me incumbe. E ai de mim, se não pregasse o Evangelho!*" (1Cor 9, 16).

Introdução

Tendo em conta este chamamento do Papa, creio que o Verão, no qual temos um pouco mais de tempo livre, pode ser um momento para pararmos, para assimilar e assumir este compromisso batismal. Deveríamos perguntar-nos, como, onde e de que maneira vamos viver a 100% o nosso Batismo. O que está claro, sem dúvida alguma, é que o temos de viver; assim sendo, pois, **ÂNIMO e ADIANTE!** Sejam missionários, sendo evangelizadores, no nosso dia a dia, nos nossos ambientes, na nossa sociedade e no mundo inteiro.



parte I **Domingos de Verão**

A hora dos cordeiros

- Is 66,10-14 «“Ide! Envio-vos como cordeiros para o meio de lobos. Em qualquer casa em que entrardes, SI 65 (66) dizei primeiro: ‘A paz esteja nesta casa!’ E, se lá houver um homem de paz, sobre ele GI 6,14-18 repousará a vossa paz; se não, voltará para vós. Em qualquer cidade em que entrardes e Lc 10,1-12.17-20 vos receberem, comei do que vos for servido, curai os doentes que nela houver e dizei-lhes: ‘O Reino de Deus já está próximo de vós.’

(...) Quem vos ouve é a mim que ouve, e quem vos rejeita é a mim que rejeita; mas, quem me rejeita, rejeita Aquele que me enviou.”

Os setenta e dois discípulos voltaram cheios de alegria, dizendo: “Senhor, até os demónios se sujeitaram a nós, em teu nome!”

Disse-lhes Ele: “Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago. Olhai que vos dou poder para pisar aos pés serpentes e escorpiões e domínio sobre todo o poderio do inimigo; nada vos poderá causar dano. Contudo, não vos alegréis porque os espíritos vos obedecem; alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos no Céu”.»

(Lc 10, 3.5-6.8-9.16-20)



os últimos tempos, tem sido, para mim, difícil acreditar num Deus que é pai, mas que, ao mesmo tempo, nos envia para o meio dos lobos, correndo sério risco de sermos devorados... Que o digam os nossos irmãos de Gaza, Síria, Jerusalém... Ou os que perderam o trabalho na última deslocalização, fusão ou falência. As crises, sejam ou não de fé, fazem parte da vida e não são apenas negativas: podem fazer-nos crescer e focarmo-nos no essencial.

Muitas são as vezes em que me sinto cordeiro no meio de lobos. Tenho realmente persistido nesta ideia de vulnerabilidade, no sentimento de abandono, e sido incapaz de ver para além do sofrimento, da destruição, do negativo.

Há dias descí até à lagoa do Congro (S. Miguel, Açores). Não há fotos que consigam transmitir o que os nossos olhos ali encontram: a cratera do vulcão torna evidente a violência e o poder destruidor da explosão da erupção de há 3900 anos. No entanto, a vida tomou conta das escarpas quase verticais, a ponto de parecer que as árvores nascem dentro de água! Deixo as metáforas para cada um rezar...



É, pois, nesta dinâmica que Jesus me acalma o coração: *“Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: ‘A paz esteja nesta casa!’ E, se lá houver um homem de paz, sobre ele repousará a vossa paz; se não, voltará para vós”*. Não há necessidade complicar, Jesus é muito claro: o que fizermos por bem, com carinho, com profissionalismo, com esmero, assim ficará feito; se os lobos preferirem “comer os cordeiros” o nosso coração permanecerá em paz.

Jesus nem sequer condena quem rejeita a paz, o bem! Talvez porque consegue distinguir e aproveitar aqueles pedaços de paz muito pequenos no meio de grande destruição e dor...

Tenho a sorte de ter grandes discípulos de Jesus na minha vida. Se procurarmos bem, todos encontramos alguns. Jesus torna a deixar tudo bem claro: *“(…) Quem vos ouve é a mim que ouve, e quem vos rejeita é a mim que rejeita; mas, quem me rejeita, rejeita Aquele que me enviou”* (Lc 10, 16). Talvez seja hora de, humildemente, deixar Jesus falar pela boca desses Seus discípulos. Talvez seja a hora de ver, com atenção, a forma como vivem como cordeiros no meio de lobos. Talvez seja a hora de perceber por que têm, os discípulos de Jesus na minha vida, a frase de Santa Teresa de Ávila “Só Deus basta”, cuidadosamente emoldurada e pendurada na sala de estar.

A última parte deste Evangelho parece estar em conflito com o início, pois aos vulneráveis cordeiros é, afinal, concedido grande poder para dominar o inimigo e nenhum dano sofrerem... Agora que eu já tinha começado a aceitar que nem todos aceitam a paz que lhes ofereço, que há muitas coisas na minha vida que não posso controlar e muitas mais por esse mundo fora...

O que queres dizer com isto Senhor? Que poder é este? Que invulnerabilidade é esta?

Será que nos queres falar da força da humildade, da ternura e do afeto? Será essa a força dos cordeiros que envias para o mundo?

Enquanto procuro mais respostas para estas questões, saboreio a derradeira frase desta leitura, e tento perceber todas as nuances de ter o nome escrito no coração de Deus Pai.

288. Há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja. Porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto. N'ela, vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes. Fixando-A, descobrimos que aquela que louvava a Deus porque «derrubou os poderosos de seus tronos» e «aos ricos despediu de mãos vazias» (Lc 1, 52.53), é mesma que assegura o aconchego dum lar à nossa busca de justiça. E é a mesma também que conserva cuidadosamente «todas estas coisas ponderando-as no seu coração» (Lc 2, 19). Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus tanto nos grandes acontecimentos como naqueles que parecem impercetíveis. É contemplativa do mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos.


(Papa Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*)

Desejar o encontro com o Senhor!

- Dt 30,10-14 «Moisés falou ao povo, dizendo: “Escutarás a voz do Senhor teu Deus, cumprindo os seus preceitos e mandamentos que estão escritos no Livro da Lei, e converter-te-ás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma. Este mandamento que hoje te imponho não está acima das tuas forças nem fora do teu alcance. Não está no céu, para que precisas de dizer: ‘Quem irá por nós subir ao

céu, para no-lo buscar e fazer ouvir, a fim de o pormos em prática?’. Não está para além dos mares, para que precisas de dizer: ‘Quem irá por nós transpor os mares, para no-lo buscar e fazer ouvir, a fim de o pormos em prática?’. Esta palavra está perto de ti, está na tua boca e no teu coração, para que a possas pôr em prática’.»

(Dt 30, 10-14)

“  ão está acima das tuas forças.”

Neste tempo de oração, façamos juntos o exercício de deixar que esta leitura faça eco nos nossos corações e de que este desejo de encontro com Deus nos ajude a viver de forma intensa este tempo. Esta leitura lembra-nos que a possibilidade de encontro não extravasa as nossas capacidades e que surge exatamente onde estamos, no nosso estado de vida. A grandeza de Deus vem ao encontro da nossa fragilidade humana, sem rodeios!

Esta passagem de Moisés toca-me pela forma como dá dignidade ao Homem... Se é verdade que o desejo de encontro do ser humano com o divino vem desde sempre, existia e continua a existir um pensamento que vagueia muitas vezes na minha mente, de que existe um fosso, como que inultrapassável, entre nós e Deus. De facto, a experiência de Moisés na sua relação com o Senhor, e, de forma ainda mais marcante para nós, Cristãos, como Jesus a viveu e a deu a conhecer, mostra-nos que Deus está mais próximo, e não é o meu nível de dignidade que é um obstáculo a construir com Ele “amizade”.

Criar desejo de encontro, preparar o nosso coração e mente, baixar as defesas e lançar-me num caminho interior, pessoal e intransmissível, são os passos que experimento necessários para a manter viva e tornar concreta a minha relação com Deus... Como? Através dos seus frutos, ir intuindo, escutando a Sua voz, nesta experiência de quem caminha como um peregrino, sempre num processo de busca e de descoberta.

O encontro com Deus é, por princípio, conseqüente. Gera mudança na forma como pensamos e atuamos! Moisés fala-nos nisso: “(...) *Escutarás a voz do Senhor teu Deus, cumprindo os seus preceitos e mandamentos que estão escritos no Livro da Lei (...)*”

Confiamos verdadeiramente que os desafios (“preceitos”) que o Senhor nos lança é para sermos, de facto, homens e mulheres mais felizes e plenos?

Ao ler esta leitura de Deuterónimo, o meu pensamento salta para a passagem da mulher samaritana, junto ao poço. Eu acredito verdadeiramente que esta vontade de encontro é intrínseca ao ser humano. Todos, sem exceção, temos sede de água viva, que só a experiência de nos sentirmos habitados por Deus pode saciar!

Podemos, no entanto, viver um pouco distraídos... Eu reconheço que também vivo muitas vezes pouco consciente desta “sede” que me habita, ainda que saiba a resposta para ela. Este desejo que é capaz de encurtar distâncias, que torna possível o que antes se poderia julgar impossível, que não está nos “céus” nem nos “mares”... É Moisés quem nos diz, no final da passagem deste Domingo: “(...) *esta palavra está perto de ti, está na tua boca e no teu coração, para que a possas pôr em prática*”.

Façamos, neste período típico de férias, esta experiência! Que o desejo do encontro com o Senhor venha em primeiro lugar! Procuremos um recanto em casa, um final de dia com pôr de sol, em frente à praia, um tempo matinal, ou quando todos com quem estamos já descansam... Façamo-lo com o coração cheio de vontade, da mesma forma como quem cuida de amizade com um velho amigo... Deixemos a conversa fluir e tiremos as notas necessárias para continuarmos a nossa jornada, como peregrinos que dão passos firmes, de cabeça erguida! Efetivamente, só com esta postura veremos com quem nos cruzamos, e os ouros poderão ver, no nosso rosto, o sorriso e serenidade de quem sabe que não caminha só!

Façamos Deus presente com a nossa presença!

Votos de bom período de férias, para quem tiver oportunidade para tal.

"Deus é um problema também para os crentes"

(...)

O seu livro anterior, O Pequeno Caminho das Grandes Perguntas, acaba a falar de ampliar o espanto como legado daqueles que se amam. Estas meditações começam com o tema "aprendizes do espanto". Que espanto ou espantos se devem aprender?

O grande perigo, numa viagem interior, é habituarmo-nos à nossa própria vida e a rotina acabar por dominar. É um fazer por fazer, os acontecimentos são mecânicos. Na vida dos padres, por exemplo, há um retiro anual, que o próprio calendário impõe. E, a dada altura, é como se um piloto automático estivesse a comandar a nossa vida e já não fôssemos nós próprios.

O espanto é poder abrir os olhos, poder dar-se conta do que somos, do que está perto de nós, do que está longe. É ganhar um olhar crítico sobre a nossa própria realidade, perceber que muitos gestos, à custa de os repetirmos, se tornam tiques e manias, e se esvaziam da autenticidade fundamental. Por isso, a primeira palavra do retiro é esse "espanta-me", mais uma vez. Como se pudéssemos ganhar um olhar novo, um primeiro olhar sobre a nossa própria existência. É essa frescura que permite a infiltração do espírito nas nossas vidas.

... E que leva ao tema da sede. Num outro livro anterior, A Mística do Instante, já escrevia que "(...) bebemos de muitas fontes mas a sede volta sempre (...)".

A que sedes o cristianismo deve hoje dar resposta?

Escolhi o tema da sede porque ele me parece indicar um património fundamental do crer. Crer não é satisfazer-se, não é ter as soluções nem ter encontrado as respostas. Crer é habitar o caminho, habitar a tensão, viver dentro da procura. Nesse sentido, mais do que estar saciados de Deus, os crentes aprendem os

benefícios da sede, a importância de viverem no desejo de Deus, na espera de Deus. Um crente não possui Deus, não o domestica com os seus rituais e as suas crenças. Ele vive na expectativa de Deus e da Sua revelação que, em grande medida, é sempre surpreendente, é sempre inédita. Por isso, a sede é um lugar necessário no itinerário cristão, que precisamos de visitar.

A dada altura, falo da necessidade de revalorizarmos mais uma espiritualidade da sede. E percebermos que, mais do que estar a produzir respostas para perguntas que não escutámos dentro de nós e dentro dos outros, o importante é perceber a sede como uma palavra que Deus nos diz. Deus coloca-nos numa situação, em acto, em experiência, mais do que numa montra ou pódio onde a vida já aparece concluída e rematada. O tempo da Igreja, o tempo da crença, é um tempo inacabável, de construção, é um estar a caminho, é um fazer-se. A sede desempenha, aí, um papel fundamental. E aí pergunto: qual é a primeira sede?...

Qual é a primeira sede?...

A primeira sede é a sede da sede, viver, não na administração das nossas certezas, mas numa espécie de fronteira, numa espécie de limiar, que faz do acto de crer ou do acto de rezar uma forma de atenção: de atenção a nós próprios, de atenção à vizinhança de Deus, de atenção aos outros, à história...

No final do retiro, o Papa disse-me: “Uma das coisas que achei importante foi dizer que Deus tem sede das nossas sedes.” Esse é um bom resumo da proposta que fiz.

Um dos aspetos da atenção aos outros passa por uma das faces da sede espiritual: a solidão. A dado passo, cita uma história intensa do escritor uruguaio Eduardo Galeano, que acaba com a criança hospitalizada a pedir ao médico “diga a alguém que estou aqui”. A companhia e o abraço do outro são necessidades maiores?

São necessidades maiores, também para o clero e para a Igreja, que foram os primeiros destinatários desta palavra. É muito fácil, em todas as condições de vida, experimentarmos a radical solidão do existir e não encontrarmos interlocutores para as grandes questões, para as grandes sedes que trazemos no coração. Essa solidão torna-se uma espécie de peso, de custo existencial, com o qual nos conformamos: vivemos como podemos viver.

São necessários momentos de revitalização na nossa vida, de questionamento mais profundo, de pausa, como os exercícios espirituais podem ser. Momentos que nos ajudem a romper com o conformismo e a ouvir a solidão profunda que temos dentro de nós. Não escutaremos a voz de Deus se não escutarmos também a voz dessa ferida, desse peso de solidão que muitas vezes nos esmaga, que muitas vezes condiciona a nossa esperança, condiciona a nossa alegria e que é preciso olhar de frente e desconstruir.

Fala da relação como um alimento invisível, que passa pela hospitalidade, pela palavra, pelo cuidado e afeto com os outros. Mas, hoje, chamamos amizade a relações com desconhecidos. Como trabalhar a relação, tendo em conta esta realidade?

A grande ideologia dominante, hoje, é o consumo. Já não é tanto uma ideologia política, mas uma transversalidade que faz de nós consumidores de alguma coisa e continuamente estimulados a isso. Qual é o problema da sociedade de consumo? É que ela não suporta a sede, não suporta o desejo. Todos os desejos são para ser realizados no mais imediato possível. A satisfação dos nossos desejos é colocada como uma promessa fantasma ao alcance da mão.

Qual é o problema? É que já não há espaço para grandes sedes, para grandes desejos, porque vivemos numa sociedade de satisfação permanente. E de uma satisfação enganadora porque, verdadeiramente, um desejo que se possa satisfazer de um momento para o outro não é um verdadeiro desejo humano. Por

isso, cada vez mais sentimos que não há espaço para que a vida alimente grandes sonhos, grandes paixões, grandes viagens, grandes utopias, grandes generosidades...

Ficamos presos ao imediato...

Isso faz de nós pessoas mais desencontradas consigo mesmas. Esta sociedade da satisfação imediata deixa-nos muito insatisfeitos porque vivemos num mecanismo de viciamento e impulso, e não vivemos por ter alimentado, dentro de nós, de forma paciente, longa, discernida, demorada, um grande desejo, uma verdadeira vontade, um sopro de liberdade, de criatividade. Mas vivemos neste condicionamento.

Isto reflete-se em todas as dimensões da nossa vida: é assim com as necessidades elementares da vida e é assim com as nossas relações uns com os outros, que acabam por ser, também, de consumo. Acabamos por nos consumir uns aos outros e não há um verdadeiro encontro, uma verdadeira espera, uma hospitalidade autêntica do outro. Diminuímos a nossa capacidade de esperar uns pelos outros: ou é no imediato ou já não funciona. E essa aceleração antropológica – que as tecnologias, os emails, os telefones têm acentuado – seca-nos por dentro e desumaniza-nos. Uma sociedade de consumo é, fundamentalmente, uma sociedade desumanizada.

(...)

Diz que, sobre Deus e o caminho espiritual, faz bem aos crentes escutar os não-crentes. O que pode um crente aprender, sobre Deus, com um não-crente?

A resposta mais óbvia é a sede: num não-crente, encontramos uma sede muitas vezes em estado bruto, em estado de pergunta, num grau de pureza... Nos automatismos da Fé e no achar que sabemos, a ignorância que muitas vezes um não-crente tem, em relação à Fé, permite-lhe ter um olhar crítico e livre que faz bem aos crentes.

Deus é um problema para todos, não é só uma questão para os não-crentes, Deus também é uma questão para os crentes. Deus é uma questão que nos une, não é uma questão que nos separa: Deus está em todos, crentes e não-crentes. Esse diálogo com os não-crentes é fundamental que aconteça, no catolicismo contemporâneo.

Vivemos num mundo dominado por uma indiferença, uma neutralidade, uma não-crença... É preciso dialogar. Os cristãos têm de ser atores de um diálogo infatigável com os não-crentes. É preciso um humanismo cristão, capaz de pensar articulações, pontes, proximidades, afinidades. Não é: ou, ou. Em tantos campos pode ser: e, e. E percebermos que podemos ser aristotélicos e platônicos, e amar a cultura grega e perceber o discurso cristão. O mundo de hoje precisa dessas pontes, desses diálogos. Temos muito a aprender uns com os outros...

Falámos de sedes espirituais, mas também há milhões de pessoas com sede física, “uma dura experiência de sacrifício e de prova”, como escreve, que têm de percorrer quilómetros só para transportar água. Como se devem escutar estas sedes que atingem tantas pessoas?

A [encíclica] “Laudato Si” é um dos textos maiores do Papa Francisco e, sem dúvida, será um dos grandes textos do século XXI. Identifica a realidade do mundo de hoje, mostrando como a questão da água e da sede é absolutamente fundamental para o futuro do mundo. Muita da justiça ou da injustiça da ordem presente tem a ver com o acesso à água potável, com o acesso aos bens, à habitação, ao trabalho, o acesso às condições de uma vida digna. E a Igreja tem de ouvir: o Papa Francisco tem-nos ajudado muito a viver um cristianismo com os pés assentes na terra e capaz de ouvir a voz do sofrimento humano. Que se traduz também nessa realidade mais viva, mais literal, porque a sede, antes de tudo, não é uma alegoria. A sede é uma impossibilidade de viver assim, que

tantas mulheres e homens nossos contemporâneos experimentam hoje na sua pele.

Olhando para o índice onomástico (outra forma de ler este livro), qual é o rio que une pessoas tão diversas como Emily Dickinson, rodeada de puritanismo norte-americano, Primo Levi, preso em Auschwitz, Eugène Lonesco com as suas personagens do absurdo, Etty Hillesum, Fernando Pessoa, Santo António Abade, São João da Cruz?...

É o rio da sede. Há um rio que atravessa a história, um caudal imenso, do qual nós fazemos parte e que tem como pontos luminosos os corações sedentos, aqueles que não desistiram de levantar mais alto o sentido da sua sede.

Se tivesse que escolher uma expressão para dizer qual é o “elogio da sede” a partir do evangelho, qual seria ela?

Bem-aventurados os que têm sede.

(Excerto da entrevista de Pe. Tolentino Mendonça ao Jornal
“Público”, 15 de abril de 2018)

(<https://www.publico.pt/2018/04/15/sociedade/entrevista/deus-e-um-problema-tambem-para-os-crentes-1810259>)



Sentados aos Seus pés a escutar a sua palavra!

- Gn 18,1-10a «Naquele tempo, Jesus entrou em certa povoação e uma mulher chamada Marta recebeu-O em sua casa. Ela tinha uma irmã chamada Maria, que, sentada aos pés de
- Sl 14 (15) Jesus, ouvia a sua palavra. Entretanto, Marta atarefava-se com muito serviço. Interveio então e disse: “Senhor, não Te importas que minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe que venha ajudar-me”. O Senhor
- Cl 1,24-28 respondeu-lhe: “Marta, Marta, andas inquieta e preocupada com muitas coisas, quando uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada”.»
- Lc 10,38-42 (Lc 10, 38-42)

Esta é uma leitura que sempre me tocou muito, pela sua atualidade, por dizer tanto ao meu mundo de hoje. Muitos colocam-na da dicotomia entre o contemplar e o agir, mas penso que a intenção de S. Lucas ao relatar-nos este episódio situa-se mais na necessidade de rezar e escutar Jesus no início de tudo. Tantas vezes, mesmo na Igreja, me vejo a executar antes de rezar, a agir antes de contemplar, em última análise a falar antes de interiorizar.

Nos últimos anos, a equipa do Caderno de Oração passou a ter uma noite de oração antes de se iniciar o ciclo de redação do caderno. Passou a ser tudo muito mais fácil, tudo passou a sair com uma dinâmica diferente e acredito que o resultado final também melhorou bastante. Pessoalmente, passei a ter um ciclo de ler as leituras da semana, rezar cada uma, e só depois selecionar a que vou aprofundar. Quando chega a altura de escrever sinto que já estão feitas.

A escolha de Marta de se sentar para escutar Jesus é o ponto de partida da vida de qualquer cristão. Não significa com isto que todos os que fazem, e fazem bastante, as mais diversas ações de serviço tenham escolhido a pior parte. Mas qualquer gesto de serviço apenas adquire um propósito verdadeiro se for feito a partir de uma interioridade, de uma oração. Esta oração não deve partir com uma predisposição de “vou rezar para ter forças para trabalhar na comunidade, ou vou rezar para escrever umas pistas num determinado sentido”. Colocar a escuta de Jesus como ponto de partida implica deixarmo-nos guiar pelo Espírito, predispor-mo-nos a chegar a qualquer lado que não havíamos planeado, implica uma enorme entrega. A partir daí o Espírito pode tornar o contemplativo em ação dotada de enorme vitalidade. Mas, no nosso mundo, aquele que perde tempo a sentar-se aos pés de Jesus, somente para escutar, parece ficar com um rótulo de preguiçoso. Tudo no

mundo onde nos movemos está orientado para a ação, para os resultados.

Quando digo parar aos pés de Jesus significa, também, parar quando estamos com pressa e há alguém que nos quer falar, um colega que tem uma dificuldade, alguém nos traz um problema adicional quando já estamos atolados em trabalho. Significa esperar sem nos irritarmos, aceitar quando o dia não nos corre como tínhamos planeado, não desesperar na desilusão.

No próximo mês de outubro celebramos o mês missionário. Importa, desde já, acreditarmos neste poder de oração que é ponto de partida para tudo. Se acreditarmos nisso e começarmos desde já a rezar pela conversão dos que estão à nossa volta, será um mês cheio de frutos, mesmo que não os vejamos.



“(...) Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus tanto nos grandes acontecimentos como naqueles que parecem impercetíveis. É contemplativa do mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos. É a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai «à pressa» (Lc 1, 39) da sua povoação para ir ajudar os outros. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz d’Ela um modelo eclesial para a evangelização. Pedimos-Lhe que nos ajude, com a sua oração materna, para que a Igreja se torne uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos, e torne possível o nascimento dum mundo novo (...).”

(Papa Francisco, em “Evangelii Gaudium”, cap. 288)

Senhor, ensina-nos a rezar!

- Gn 18,20-32 «Sucedeu que Jesus estava algures a orar. Quando acabou, disse-lhe um dos Seus discípulos: “Senhor, ensina-nos a orar, como João também ensinou os seus discípulos”.
- Sl 137 (138) Disse-lhes Ele: “Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu
- Cl 2,12-14 Reino; dá-nos o nosso pão de cada dia; perdoa os nossos pecados, pois também nós
- Lc 11,1-13

perdoamos a todo aquele que nos ofende; e não nos deixes cair em tentação”. Disse-lhes ainda: “Se algum de vós tiver um amigo e for ter com ele a meio da noite e lhe disser: ‘Amigo, empresta-me três pães, pois um amigo meu chegou agora de viagem e não tenho nada para lhe oferecer’, e se ele lhe responder lá de dentro: ‘Não me incomodes, a porta está fechada, eu e os meus filhos estamos deitados; não posso levantar-me para tos dar’. Eu vos digo: embora não se levante para lhos dar por ser seu amigo, ao menos, levantar-se-á, devido à impertinência dele, e dar-lhe-á tudo quanto precisar”. “Digo-vos, pois: pedi e ser-vos-á dado; procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á; porque todo aquele que pede, recebe; quem procura, encontra, e ao que bate, abrir-se-á. Qual o pai de entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ou, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Pois se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem!”»

(Lc 11, 1-13)



leitura de hoje é um dos pilares da nossa vivência da fé: a oração do Pai Nosso. Como tantas vezes ouvimos, “a oração que Jesus nos ensinou”. Que tantas vezes já repetimos. Mas hoje, em que é a leitura do dia, proponho que a rezemos de novo, saboreando o sentido de cada frase, imaginando que temos à nossa frente Jesus, e que conversamos com o Pai na Sua presença. Porque a oração não é mais do que isso mesmo: uma conversa. Há uma tradição, na qual muitos de nós crescemos, que se limita a aprender fórmulas, decorar ladainhas, por vezes até recitando-as como moeda de troca para algo que gostaríamos que acontecesse, mas na qual não conversamos verdadeiramente com Deus, com Jesus. Talvez o consigamos fazer um pouco melhor com Maria, Nossa Senhora tem o dom da humanidade que nos ajuda a dirigir-nos a Ela como uma mãe e uma amiga, mas temos alguma dificuldade, até mesmo pudor, de falarmos diretamente com Jesus ou com o Pai. Jaime Bonet, fundador da Verbum Dei, contou muitas vezes que despertou verdadeiramente para Deus quando começou a interpelá-Lo diretamente, a rezar conversando com Jesus.

Voltando ao Pai Nosso, uma das coisas que mais me toca nesta oração é a unidade, o “nós”. Não a rezamos individualmente, mas como irmãos. E, como irmãos, pedimos que o Reino de Deus se concretize, que a Sua vontade se faça. Mas não só no céu, num futuro distante, ou após a morte. Pedimos que se faça Reino aqui, na nossa vida.



E pedimos o pão de cada dia – não um seguro de vida, mas aquilo de que precisamos para o dia de hoje – a força e o alimento com que vencemos as “fomes” e as necessidades, um dia de cada vez. É uma oração que nos ajuda a agradecer o presente, sem temer o futuro. Por fim, pedimos perdão – por todos nós – e fazemos um ato de fé, acreditando que somos capazes de perdoar e de sermos perdoados. E rezamos para que consigamos fazer o que Jesus nos pediu: amar os outros, vendo-O neles.

Ao olharmos o Pai Nosso como um diálogo, rezando-o como uma oração de esperança e confiança, temos forçosamente de nos sentirmos interpelados a fazer um caminho melhor. Não podemos não amar, não confiar. Temos de abraçar todos aqueles que, tal como nós, lutam em cada dia, ao nosso lado, para dar o seu melhor. Porque não rezamos apenas por nós, mas também pelos outros. Muitas vezes, até rezamos mais pelos outros do que por nós, sobretudo quando aqueles que nos são próximos não estão bem, ou quando alguma tragédia afeta pessoas que não conhecemos, mas que estão em situações difíceis ou desesperadas.

Por vezes, podemos ter a tentação de questionar o verdadeiro sentido e poder de uma oração. Contudo, a força da oração é algo que não temos a capacidade de medir. Muitas vezes, uma oração por alguém, uma palavra que dizemos (nem que seja “Sei que não acreditas, mas rezo por ti e pela tua família. Mal não pode fazer, não é?”) tem um alcance que não conhecemos. Nestas situações, o nosso testemunho pode ser suficiente para ajudar alguém que precisa. É a oração como testemunho, como ato de solidariedade, mas também de fé. Porque a oração é reflexo da nossa fé, mas é – também – um alimento para essa mesma fé. Como em qualquer relação, a Fé com e em Jesus tem de ser acarinhada e alimentada. E, numa boa amizade, não há melhor maneira de o fazer do que com uma boa conversa.

A Fé tem uma relação estreita com a oração. Precisamos sempre da Fé; de início, para nos introduzir na relação com Deus e, posteriormente, para avançarmos de fé em fé, como dizem os santos. É nisto precisamente que consiste o Seu assombro: ao experimentar que, na oração, a fé se lhes dilata. “Só com a luz da fé e a meditação da palavra de Deus pode alguém reconhecer sempre e em toda a parte a Deus no qual «vivemos, nos movemos e existimos» (Act. 17, 28)”.

(...) É, pois, pela fé que posso entrar na oração. É por isso que a iniciamos com um ato de fé. Os teólogos espantam-se quando veem que uma religiosa tão jovem como Santa Teresinha do Menino Jesus, ou como a irmã Isabel da Trindade lhes proporcionaram um material de teologia tão denso, sem nunca ter estudado sequer as noções fundamentais desta matéria. Eles, com dois ou mais doutoramentos, não fizeram mais do que trabalhar com o material que os santos, pessoas de fé e oração, elaboraram.

(...) Deve entrar-se na oração pela fé. O que pede Santo Inácio para começar a rezar? Um ato de fé. De contrário, não se reza. (...) A vida da fé consegue-se com repetição de atos de fé que, ao irem-se ligando uns aos outros, produzem um estado de fé. De manhã dizemos «Eu creio em Ti, Tu estás dentro de mim». Mas, se este ato não se repete, o mundo vai-nos apanhando. Ao invés, se se vão fazendo repetidamente atos de fé, viveremos num estado habitual de fé.

À medida que a fé cresce, através da repetição frequente de atos e da aceitação da Revelação da Palavra de Deus, torna-se numa atitude ou vida de fé, que acompanha o homem e o liberta, transcendendo-o no terreno de Deus.

(...) Por sua vez, a oração alimenta e empodera, aumenta mais e mais a fé. Uma fé adulta coloca o homem em estado de oração e amizade com Deus e de liberdade consigo mesmo e com os outros, pela lógica ou inteligência evangélica. Portanto, há uma relação

muito estreita entre a fé e a oração. Ao invés, ao ter pouca fé, uma pessoa busca febrilmente as pessoas, tem urgência em sair da capela e partilhar, em busca de apoios, compreensão e abrigo; mas no dia em que esta pessoa se aproximar de Deus, verá como e quando tudo muda.

A fé coloca-me num estado de grande liberdade. «Quem a Deus tem nada lhe falta, só Deus basta» (Santa Teresa). Uma oração enraizada na fé é confiante, tranquila, serena. O que é uma oração de fé? É aquela oração na qual incidem todas estas verdades com tal clareza que uma pessoa fica com Ele, assombrado, sem dizer nada, ou dizendo como Tomás: «Senhor meu e Deus meu»!

Daí resulta que a oração é fácil ou difícil, espontânea ou forçada, consoante o nível da fé. Quando há muita fé, tens a oração da fé. Já que a fé pode ser fraca, pequena, e cada vez maior e pode fazer as maravilhas de Deus, como vemos em tantas passagens e expressões de Jesus no Evangelho: Se tiveres fé como um grão de mostarda, se tiveres fé... Mulher, a tua fé é grande. Como no caso do centurião, cujas palavras a liturgia adotou e repetimos cada dia no encontro com Jesus na comunhão: «Senhor, eu não sou digno de que entres debaixo do meu teto, mas diz uma só palavra e o meu servo será curado», de quem Jesus disse, admirado «Em verdade vos digo: Não encontrei ninguém em Israel com tão grande fé! Digo-vos que, do Oriente e do Ocidente, muitos virão sentar-se à mesa do banquete com Abraão, Isaac e Jacob, no Reino do Céu, ao passo que os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes.» (cf. Mt 8, 5-13)

(Jaime Bonet. *Así será tu descendencia*, Oracío, vida y predicatción. Loeches: Verbum Dei, pp. 75-84)

Neste Verão, deixa-te guiar pelo Espírito!

Ecl 1,2; 2,21-23 «Desilusões e mais desilusões – diz Cohelet – Desilusões e mais desilusões. Tudo é
Sl 94 (95) desilusão. Tal homem trabalhou com
 sabedoria, competência e êxito, e tem de
Cl 3,1-5.9-11 deixar o seu património a quem em nada
 contribuiu para ele. Também isto é uma
Lc 12,13-21 desilusão e um grande mal. Mas então de que
 aproveita a esse homem todo o seu trabalho e
 as ânsias do seu coração, pelas quais se
afadigou debaixo do sol? Todos os seus dias são penosos e a sua
atividade é cheia de desgostos, e nem de noite o seu coração
descansa. Também isto é uma desilusão.» (Ecl 2)

«Se hoje ouvirdes a voz do Senhor, não fecheis os vossos
corações» (Sl 94)

«Meus irmãos: Uma vez que ressuscitastes com Cristo, aspirai às
coisas do alto, onde Cristo Se encontra, sentado à direita de Deus.
Afeiçoai-vos às coisas do alto, não às coisas da terra (...) Vós
passastes a ser o homem novo, o homem que, para alcançar a
verdadeira ciência, se vai renovando à imagem do seu criador.
Nesta renovação, não há Grego nem Judeu, não há circunciso
nem incircunciso, nem bárbaro, selvagem, escravo ou homem
livre. O que há é Cristo, que é tudo e está em todos.» (Cl 3)

«(...) guardai-vos de toda a cobiça: não é por alguém ter em
abundância que a vida lhe depende dos bens». (Lc 12)

Bom dia, família...

Quando comecei a rezar as leituras que somos convidados a aprofundar neste dia surgiram, na minha cabeça e no meu coração, uma série de questões existenciais... Aquelas questões que originam mais questões, que me “obrigam” a procurar mais... E para as quais não é possível encontrar respostas rápidas, fáceis e absolutas!

Partilho convosco as questões...

- O que significa hoje viver o essencial?
- O que de verdade importa na minha vida?
- A quê ou a quem dedico o “melhor” do meu tempo, da minha presença?
- Como vivo o meu trabalho?
- Como vivo a minha missão?
- Que herança quero deixar aos meus Filhos? Família? Amigos? Comunidade? Mundo?

Em relação às respostas, tenho (temos todos) de rezar mais...

A primeira leitura fez-me lembrar os desabafos que ouvimos tantas vezes ao longo do dia, vindo de várias pessoas, em diversos contextos.

“Desilusões e mais desilusões. Tudo é desilusão. Tal homem trabalhou com sabedoria, competência e êxito, e tem de deixar o seu património a quem em nada contribuiu para ele. Também isto é uma desilusão e um grande mal. Mas então de que aproveita a esse homem todo o seu trabalho e as ânsias do seu coração, pelas quais se afadigou debaixo do sol? Todos os seus dias são penosos e a sua atividade é cheia de desgostos, e nem de noite o seu coração descansa. Também isto é uma desilusão.”

E quantas vezes nós próprios também vivemos estes sentimentos de desânimo, de falta de sentido, de desmotivação? Há alturas da nossa vida em que ficamos mesmo presos a eles (apesar de sermos cristãos e termos fé...), em não é fácil sair dessa dinâmica...

Que respostas dás a isto, Jesus? Ou melhor, como viveste estes sentimentos? O que te fez ver para além deles?

À medida que vou rezando, encontro algumas pistas que me ajudam a continuar esta partilha.

O Salmo convida-me a estar atenta e aberta aos sinais de Deus, no momento presente, “hoje”, sejam quais for as circunstâncias.
“Se hoje ouvirdes a voz do Senhor, não fecheis os vossos corações”
Sl 94(95)

Jesus fala-nos sempre. Seja através dos acontecimentos, através dos outros, da Sua Palavra, “só” temos de saber escutar e acolher!

As palavras de São Paulo inspiram-nos para valorizarmos as coisas do alto, quer dizer, aquilo que é o mais importante e que só podemos ver com os olhos da fé “o essencial é invisível aos olhos”.
“Aspirai às coisas do alto, onde Cristo Se encontra, sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas do alto, não às coisas da terra (...) Vós passastes a ser o homem novo, o homem que, para alcançar a verdadeira ciência, se vai renovando à imagem do seu criador. Nesta renovação, não há Grego nem Judeu, não há circunciso nem incircunciso, nem bárbaro, selvagem, escravo ou homem livre. O que há é Cristo, que é tudo e está em todos.” (Col 3)

Como olho para a minha vida nesta perspetiva? Quais os maiores desejos da minha vida? O que valorizo para me sentir em segurança, em paz, satisfeito(a)? Bens materiais? Ter poupanças? Património? Saúde? A imagem? A vida a “correr bem”? Uma família “certinha”? Ser eficiente? Viver sem “stress”, confortável? Umas férias de “sonho”?

Por outro lado, quais são as coisas do alto a que devo aspirar? Viver acompanhada? Ser filha de Deus? A Fé, a Esperança, o Amor? As relações humanas, o sentido de missão?...

Por outro lado, quantas vezes tenho a sensação que me “gasto”
32 pelos outros, de que me preocupo 24 horas por dia com os meus

próximos e eles não “correspondem”? Que passo o dia a resolver problemas e a responder a solicitações vindas de todo o lado... E para quê?

Encontro a resposta num excerto do texto do Papa Francisco da “Alegria do Evangelho” que tenho exposto na sala da minha casa desde há 3 anos:

“A pessoa sabe com certeza que a sua vida dará frutos, mas sem pretender conhecer como, onde ou quando; está segura de que não se perde nenhuma das suas obras feitas com amor, não se perde nenhuma das suas preocupações sinceras com os outros, não se perde nenhum ato de amor a Deus, não se perde nenhuma das suas generosas fadigas, não se perde nenhuma dolorosa paciência. Tudo isto circula pelo mundo como uma força de vida.”

Convido a ler / rezar integralmente, pelo menos, os números 279 e 280 desta encíclica (texto de apoio), com certeza que será alimento para o verão e para o resto da vida...

Para terminar estas pistas, não podia deixar de partilhar que estas leituras me levaram a rezar também sobre o Mundo, numa perspetiva Ecológica. Dei-me conta de que, se nos deixarmos guiar pelo Espírito, utilizaremos os 5 Rs da Sustentabilidade na nossa vida:

- Repensar – quais são as minhas necessidades vitais? as minhas prioridades?
- Recusar – o que não é essencial para a minha vida? o que me atrapalha ou distrai do mais importante?
- Reduzir – tomar consciência que posso viver com muito pouco para ser feliz. Onde coloco a minha felicidade?
- Reutilizar – não se perde nenhum ato de amor
- Reciclar – com Deus tudo se renova.



279. *Como nem sempre vemos estes rebentos, precisamos de uma certeza interior, ou seja, da convicção de que Deus pode atuar em qualquer circunstância, mesmo no meio de aparentes fracassos, porque «trazemos este tesouro em vasos de barro» (2 Cor 4, 7). Esta certeza é o que se chama «sentido de mistério», que consiste em saber, com certeza, que a pessoa que se oferece e entrega a Deus por amor, seguramente será fecunda (cf. Jo 15, 5). Muitas vezes esta fecundidade é invisível, incontrolável, não pode ser contabilizada. A pessoa sabe com certeza que a sua vida dará frutos, mas sem pretender conhecer como, onde ou quando; está segura de que não se perde nenhuma das suas obras feitas com amor, não se perde nenhuma das suas preocupações sinceras com os outros, não se perde nenhum ato de amor a Deus, não se perde nenhuma das suas generosas fadigas, não se perde nenhuma dolorosa paciência. Tudo isto circula pelo mundo como uma força de vida. Às vezes invade-nos a sensação de não termos obtido resultado algum com os nossos esforços, mas a missão não é um negócio nem um projeto empresarial, nem mesmo uma organização humanitária, não é um espetáculo para que se possa contar quantas pessoas assistiram devido à nossa propaganda. É algo de muito mais profundo, que escapa a toda e qualquer medida. Talvez o Senhor Se sirva da nossa entrega para derramar bênçãos noutra lugar do mundo, aonde nunca iremos. O Espírito Santo trabalha como quer, quando quer e onde quer; e nós gastamo-nos com grande dedicação, mas sem pretender ver resultados espetaculares. Sabemos apenas que o dom de nós mesmos é necessário. No meio da nossa entrega criativa e generosa, aprendamos a descansar na ternura dos braços do Pai. Continuemos para diante, empenhemo-nos totalmente, mas deixemos que seja Ele a tornar fecundos, como melhor Lhe parecer, os nossos esforços.*

280. Para manter vivo o ardor missionário, é necessária uma decidida confiança no Espírito Santo, porque Ele «vem em auxílio da nossa fraqueza» (Rm 8, 26). Mas esta confiança generosa tem de ser alimentada e, para isso, precisamos de O invocar constantemente. Ele pode curar-nos de tudo o que nos faz esmorecer no compromisso missionário. É verdade que esta confiança no invisível pode causar-nos alguma vertigem: é como mergulhar num mar onde não sabemos o que vamos encontrar. Eu mesmo o experimentei tantas vezes. Mas não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que Ele nos ilumine, guie, dirija e impulsione para onde Ele quiser. O Espírito Santo bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento. A isto chama-se ser misteriosamente fecundos!

(Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*
A Alegria do Evangelho)

Onde está o teu coração?

Sb 18,6-9 «A fé é a garantia dos bens que se esperam e a certeza das realidades que não se veem. Ela valeu aos antigos um bom testemunho. Pela fé, Abraão obedeceu ao chamamento e partiu para uma terra que viria a receber como herança; e partiu sem saber para onde ia. Pela fé, morou como estrangeiro na terra prometida, habitando em tendas, com Isaac e Jacob, herdeiros, como ele, da mesma promessa, porque esperava a cidade de sólidos fundamentos, cujo arquiteto e construtor é Deus. Pela fé, também Sara recebeu o poder de ser mãe já depois de passada a idade, porque acreditou na fidelidade d'Aquele que lho prometeu. É por isso também que de um só homem – um homem que a morte já espreitava – nasceram descendentes tão numerosos como as estrelas do céu e como a areia que há na praia do mar.» (Hb 11, 1-12)

«Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Não temas, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o reino. Vendei o que possuíis e dai-o em esmola. Fazei bolsas que não envelheçam, um tesouro inesgotável nos Céus, onde o ladrão não chega nem a traça rói. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. Compreendei isto: se o dono da casa soubesse a que hora viria o ladrão, não o deixaria arrombar a sua casa. Estai vós também preparados, porque na hora em que não pensais virá o Filho do homem”.» (Lc 12, 32-40)

Este Domingo fala-nos da vigilância. Devo dizer que não me recordo de alguma vez ter meditado, de uma forma tão expressa, na forma como vivo a vigilância espiritual.

Seja qual for o contexto, penso que vigiar significa Estar Atento. Eu vigio os meus filhos, o meu trabalho é vigiado pela minha chefe, vigio a comida no fogão... A vigilância surge, por isso, em cada contexto, como a prioridade da nossa atenção naquele momento específico. Nesses instantes, todos os nossos sentidos estão colocados naquele objeto. Até aqui é fácil de compreender. Mas como é que vivo a vigilância espiritual na minha relação com Deus?

“Vigiai e estai preparados, porque na hora em que não pensais virá o Filho do homem.” (Mt 24, 42a.44).

Nesta oração, a palavra Gratidão ecoa-me como um sinónimo de Vigilância. Tenho experimentado que viver em Gratidão não é (apenas) estar agradecido. Viver a gratidão num plano de fé é estar livre para acolher o que me é dado a viver HOJE. Receber com gratidão a vida, tal como ela se nos apresenta, é estar preparado para receber em casa o “Filho do homem”.

Insistimos que tudo corra como gostaríamos. Até podemos dizer o contrário, mas quando a vida nos troca as voltas (ou, melhor dizendo, nos põe às voltas!) é difícil, por vezes mesmo quase insuportável, aceitar...

Viver em Vigilância é honrar o Mistério de Deus *“que se faça a Tua Vontade”*. É experimentar uma fé enraizada na *“garantia do que se espera e na certeza das realidades que não se veem”*. Por essa fé, Abraão partiu sem saber para onde ia... (Heb 11)

Lucas convida-nos a mergulhar ainda mais fundo no tema da Vigilância. Há a linda frase que diz *“onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.”* Vulgarmente se retira esta frase de contexto e já várias vezes a vi escrita ao contrário (onde estiver o teu coração, aí está o teu tesouro). Mas a lógica de Jesus é outra porque não é o nosso coração o centro da nossa vida, não pode ser. O convite que Jesus nos faz é o de colocar nesse centro de onde tudo brota o que de verdade importa, a “REALIDADE que não se vê”, o Reino de Deus, o próprio Deus. A partir daí percebemos (ou perceberemos) onde deve estar alicerçado o nosso coração. Como a Terra que não poderia girar à volta dela própria se não girasse à volta do Sol...



Vocês sabiam que mesmo nos tempos de Jesus havia ansiedade? Não é uma invenção tão recente. Aos seus discípulos, ele diz claramente: "Não busquem ansiosamente" (cf. Lc 12,29), tenham fé! Tenham confiança! Distingam o que é importante do que não é: sejam sábios. E acrescenta: "Pois onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração" (Lc 12:34).

Então devemos perguntar-nos: onde está meu tesouro? Onde está a coisa que considero mais preciosa? Não muitas quinquilharias, mas a única pérola preciosa. Onde? Eis que essa é a fonte da minha alegria, é o lugar onde o meu coração encontra casa, pelo qual vale a pena dizer "sim" e gastar a vida. Deve ser realmente algo de imenso para valer assim tanto!

Então, amigos, entendam que a escolha do casamento, de formar uma família, ou a escolha de dedicar-se a Deus e aos irmãos na consagração é uma questão de ter encontrado este tesouro, o mais precioso. E agir de acordo. Porque é o Senhor que escondeu esse tesouro em sua vida para abençoá-la e torná-la frutífera. A escolha pelo tesouro significa escolher o caminho da gratidão e do reconhecimento, o caminho das bem-aventuranças.

(Papa Francisco no Circo Máximo em Roma,
em preparação ao Sínodo de outubro.
Depois de passar entre a multidão, o Santo Padre respondeu
aos questionamentos de alguns jovens
que lhe expressaram as suas inquietudes.
Agosto 2018)

História de um Encontro e algo mais...

Ap 11,19a;
12,1-6a.10ab

Sl 44 (45)

1 Cor 15,20-27

Lc 1,39-56

«Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Então, erguendo a voz, exclamou:

“Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. E donde me é dado que

venha ter comigo a mãe do meu Senhor? Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio. Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor.” Maria disse, então: “A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva. De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-poderoso fez em mim maravilhas. Santo é o seu nome. A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem. Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias. Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre.” Maria ficou com Isabel cerca de três meses. Depois regressou a sua casa.»

(Lc 1,39-56)

Hoje, ao iniciar a oração e ler o Evangelho, senti a necessidade de fazer o que Santo Inácio chamava “composição do lugar”.

Uma mulher diligente, que não se distrai, que vai apressada, (perdão aos homens mas, na realidade, é um tanto ou quanto típico das mulheres não terem quem as pare quando creem que têm de fazer alguma coisa), aonde irá? Por que vai tão acelerada? Quem ou o que a espera? Por fim, ao chegar ao seu destino, entra numa casa e saúda outra mulher, que se apurou ser sua prima. Beijam-se, abraçam-se, olham-se de cima a baixo uma e outra sem perderem muito tempo; e, depois de Maria ter bebido um bom trago de água fresca, vão até ao pátio da casa, que está ao fundo. É agradável, há uma figueira e uma videira que ajudam a refrescar o lugar com uma sombra apetecível, sentam-se sem demasiadas cerimónias, numas grandes pedras que fazem de banco, e começam a pôr a conversa em dia. Contam uma à outra os últimos acontecimentos, surpreendem-se mutuamente, gesticulam, estão alvoroçadas.

Eu olho-as, contemplo-as, Maria é muito jovem, e Isabel, a prima, é mais velha, mas, surpreendentemente parece estar grávida. Sinto tanta curiosidade de saber o que dizem, que me aproximo e, apoiada no tronco da figueira, escuto com muita atenção.

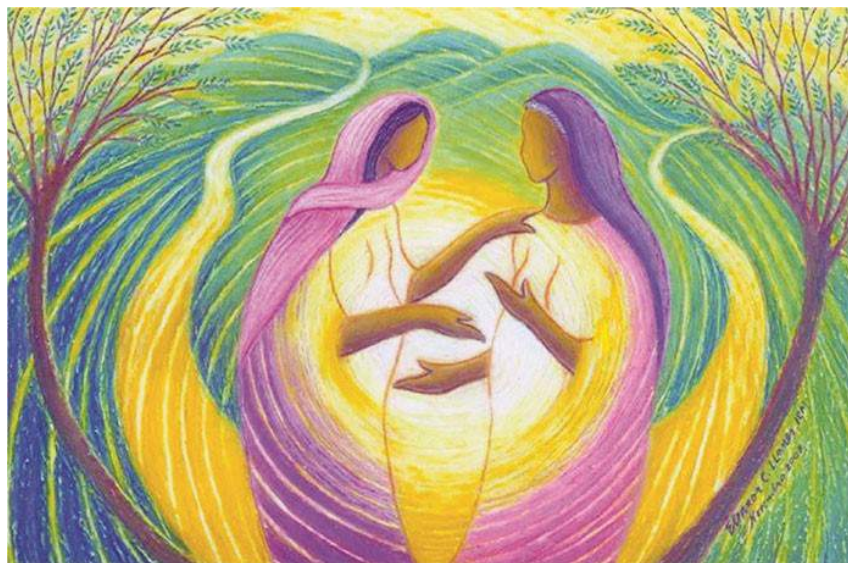


Falam com prazer, estão contentes por estarem juntas e descobrirem o que consigo está a passar-se. Para além das palavras e dos gestos, estão os seus olhares, que as levam a mirar mais longe. Isabel descobre na sua juvenilíssima prima Maria algo

diferente, apesar da extensa caminhada num quentíssimo dia de... agosto. Está radiante e luminosa, cheia de vida, e não de uma vida qualquer.

Isabel principia por dizer a Maria coisas que eu não percebo, não sei porque as diz, *“Bendita és tu entre as mulheres e bendito o Fruto do teu ventre, e, porque estás aqui, creio que tens muito que contar-me, não sei mas pressinto algo, até tremi ao abraçar-te”*.

A mais confusa sou eu, não compreendo nada, talvez porque estou de fora da conversa e, sobretudo, da experiência que estão as duas a viver, ali há mais do que gestos e palavras, há muita compreensão e cumplicidade. Atrevo-me a entrar no seu círculo e a passar de mera espetadora a ser, juntamente com elas, um pouco protagonista, quero entrar no seu jogo, porque intuo que ali se decide algo muito importante. E logo escuto o que se passa, falam de algo mais, que somente a Fé pode explicar. Isabel louva Maria porque escutou a Deus e porque acreditou no que lhe disse.



Efetivamente, *“a fé é certeza do que se espera, garantia do que não se vê”* (Hb 11,1). É, um pouco, o que diz o livro do Príncipezinho: *“O essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração”*. Percebo que isto é o que está a suceder entre Maria e Isabel, o seu encontro é de Fé e a sua relação vem do coração. Faz-me interrogar as minhas relações, de onde as faço provir, como olho, o que observo, como julgo, que quero compreender, como escuto, como raciocino e acolho os gestos e as palavras do outro? Sei ir mais além, nos meus encontros e nas minhas relações?

Maria é a grande crente, porque crê em Deus e nos seus projetos, sabe ver mais alto do que a sociedade vê como eficaz, dá-se conta de que a força não é dos violentos, nem dos orgulhosos e prepotentes. Crê num Deus bom, acolhedor, atento, misericordioso. Um Deus que não olha às aparências, que julga a partir do amor, e do mesmo amor reparte, um Deus Pai que não deixa abandonados os seus filhos. Um Deus que a faz cantar, que a faz alegrar-se. Um Deus que lhe deu A VIDA.

Quero pedir a Maria que me ajude e nos ajude a todos a ter mais Fé, e a ver o mundo e a humanidade com esse olhar e essa coragem que Deus a Ela deu.

Proclama minha alma a grandeza do Senhor

Maria é missionária pela sua capacidade de ver as necessidades dos demais. Não faz falta que lhe peçam explicitamente nada. Desenvolve uma empatia que disponibiliza ao serviço dos irmãos. Não falava só de uma dimensão espiritual, antes observava toda a realidade, descobrindo o Bom Deus nela. E guardando no coração as necessidades dos demais. Acorre a ver a sua prima Isabel sabendo que era mais velha e que estava grávida. A mesma atitude que nas bodas de Caná, saber-se situar na debilidade do outro e estar disponível, ao ritmo que se ativa com o mecanismo da compaixão.

(Vicente Esplugues FMVD, em “Evangélio Popular 2019”)

Somos construtores do Reino de Deus!

- Jr 38,4-6.8-10 «Deste modo, também nós, circundados como estamos de tal nuvem de testemunhas, deixando de lado todo o impedimento e todo o pecado, corramos com perseverança a prova que nos é proposta, tendo os olhos postos em Jesus, autor e consumador da fé.
- Sl 39 (40) Ele, renunciando à alegria que lhe fora proposta, sofreu a cruz, desprezando a ignomínia, e sentou-se à direita do trono de
- Hb 12,1-4
- Lc 12,49-53

Deus. Considerai, pois, aquele que sofreu tal oposição por parte dos pecadores, para que não desfaleçais, perdendo o ânimo. Ainda não resististes até ao sangue na luta contra o pecado.»

(Hb 12, 1-4)



ive muita dificuldade em rezar estas pistas... Copiei mal as citações e andei com umas leituras na cabeça e na oração que não tinham nada a ver com o que ando a viver, até reparar no que me tinha acontecido!... Como pôde isto acontecer? Perguntei-me muitas vezes... Mas não é o que me acontece tantas vezes? Fico de tal forma assoberbada de coisas, de compromissos, de querer responder a tudo, que tudo parece que me escapa dos dedos, cometo erros, deixo o tempo passar, deixo a vida passar...

A minha oração deste ano tem andado muito à volta de algo de que há bem pouco tempo tomei consciência, apesar de ouvir falar muito: somos construtores do Reino de Deus! Hoje. Não é depois de morrermos, não! É hoje! E eu sou um dos construtores. Deus confia-nos, confia-me, essa (grande) tarefa: construtores do Reino!

“Também nós, circundados como estamos de tal nuvem de testemunhas, deixando de lado todo o impedimento e todo o pecado, corramos com perseverança a prova que nos é proposta, tendo os olhos postos em Jesus, autor e consumidor da fé”.

Deixando de lado todo o impedimento e pecado, diz a leitura. O que me impede de construir este Reino? Olhando para a minha vida, para os meus gestos, o que me impede, Senhor? É que, às vezes, o “meu” reino não é o Teu Reino – o meu reino é habitado por muitas vozes: pela voz do dinheiro, do comodismo, do facilitismo, da resolução rápida e eficaz das situações... Que vozes tenho de calar para que possa ouvir a Tua?

Sinto que, às vezes, me falta a coragem para olhar para dentro de mim e ver o que tenho de mudar... É difícil mudar quando estamos tão habituados a agir de certa forma, a ter certas atitudes. Tenho vindo a descobrir que sou moralista, sou rápida a condenar ou a fazer juízos de valor, a achar que “isto está certo ou está errado”... Tão longe que eu ando às vezes do Teu Reino, Senhor!

É difícil romper com os velhos hábitos... Quero realmente romper com eles? Eu quero. Porque experimento muito que somos chamados à esperança, àquela esperança profunda, que nasce de um amor maior, mais profundo, mais construtivo. Um amor à maneira de Deus, não “à minha maneira”, certamente não à maneira deste mundo de hoje. Tenho-me vindo a descobrir filha amada por Deus: é essa a minha identidade mais profunda. É essa a minha força, a minha raiz mais funda. Que me faz querer lançar as “minhas redes”, perder o medo que tantas vezes me atrofia.

Então, hoje, é dia de arregaçar as mangas!

“Corramos com perseverança a prova que nos é proposta, tendo os olhos postos em Jesus”, acreditando, sabendo, experienciando que somos, que podemos ser, os construtores que Ele tanto espera. Porque todos os dias temos hipótese de fazer, de refazer, de construir, de ser mais parecidos com Aquele que nos guia, que nos chama, que nos ama!



A procura de Deus é hoje mais frequente do que se pensa

(...) Como olhamos nós, cinquenta anos depois, para esta Imagem [de Cristo Rei] erguida sobre a cidade, de braços abertos para a acolher e proteger? Os símbolos tornam-se vivos se a mensagem que anunciam for acolhida nos nossos corações. Somos nós, os atuais habitantes de Lisboa, que podemos reduzi-la a um miradouro sobre a cidade, se não nos sentirmos amados e protegidos pelo coração de Cristo. Esse é o fruto que desejamos obter com estas celebrações jubilares: reacender nos habitantes desta cidade a força que lhes vem dessa solicitude redentora de Jesus Cristo.

Nos habitantes da nossa cidade, são diversas as atitudes perante Jesus Cristo: há um grupo numeroso de crentes que celebram habitualmente a sua fé e acreditam no amor redentor de Jesus Cristo e procuram ser-lhe fiéis na sua forma de viver; há, depois, um grupo de cristãos batizados, que deixaram de celebrar habitualmente a sua fé, nos quais se foi esbatendo a exigência evangélica na forma de viver, mas para os quais Jesus Cristo é ainda a principal referência de Deus; mas há também os descrentes e ateus e os membros de outras religiões, judeus, muçulmanos, budistas, hindus. (...)

É preciso perceber isto hoje: Cristo abre os braços sobre todos os habitantes da cidade, mostrando-lhes que os ama, dizendo-lhes que os espera e quer fazer, com cada um, uma caminhada de descoberta da vida. A procura de Deus é, hoje, mais frequente do que se pensa, na nossa cidade. A todos Ele diz: não tenhais medo; vinde a Mim todos vós que andais à procura, os que sofreis, os que estais aflitos com as dificuldades da vida, e Eu acolher-vos-ei, vos darei a força para caminhar.

Jesus enumerou as atitudes do coração, para se começar a viver o Reino de Deus: um coração de pobre, não escravizado à ganância do ter; um coração puro que procura a justiça; um coração construtor da paz; um coração de criança, resume o Senhor. (...) Há na nossa cidade muita gente que ama, corajosamente, silenciosamente. Unidos a Cristo, também eles abraçam a cidade. (...)

(D. José Policarpo, Cardeal Patriarca de Lisboa
In Homilia na Vigília da Celebração do Cinquentenário
da Inauguração do Monumento a Cristo-Rei em 20.11.2010)

“Todas as nações e todas as línguas”

- Is 66,18-21 «Eis o que diz o Senhor: “Eu virei reunir todas as nações e todas as línguas, para que venham contemplar a Minha glória. Eu lhes darei um sinal e, de entre eles, enviarei alguns dos sobreviventes às nações: a Társis, a Fut, a Lud, a Mosoc, a Rós, a Tubal e a Javã, às longínquas terras de além-mar, que não ouviram falar de Mim nem contemplaram ainda a Minha glória, para que anunciem o
- SI 116 (117)
- Hb 12,5-7.11-13
- Lc 13,22-30

Meu nome entre as nações.

De todas as nações, como oferenda ao Senhor, eles hão-de reconduzir todos os vossos irmãos, em cavalos, em carros, em liteiras, em mulas e em dromedários, até ao Meu santo monte, em Jerusalém – diz o Senhor – como os filhos de Israel trazem a sua oblação em vaso puro ao templo do Senhor”»

(Is 66, 18-20)



Vemos claramente neste texto, escrito vários séculos antes de Cristo, como o grande desejo de Deus é viver em comunhão com o Homem.

Desde o Genesis, e em todos os livros bíblicos, vemos que Deus procura incessantemente o Homem e que vem ao seu encontro, das mais diversas formas. E não desiste nunca de o abraçar, ainda que ele Lhe fuja ou O recuse. Mais do que a busca do Homem pelo Infinito, de que falam a Filosofia, a Antropologia e outras ciências, Deus, o Infinito, procura o Homem.

Quem ama quer encontrar-se com aquele que ama, sonha estar sempre com ele e viver essa relação de forma cada vez mais próxima.

Nesta leitura, há uma imagem muito sugestiva e festiva deste sonho de Deus: *“eles hão de reconduzir todos os vossos irmãos, em cavalos, em carros, em liteiras, em mulas e em dromedários, até ao Meu santo monte, em Jerusalém – diz o Senhor”*.

Que bonito que, por tantos meios, possamos ir ao encontro de Deus!

Que bonito que Deus queira contar connosco para reconduzir a Ele todos os nossos irmãos!

Deus conta connosco: *“enviarei alguns”*, diz-nos. Nós somos estes *“alguns”* que Ele envia hoje aos lugares onde quer estar, às *“longínquas terras de além-mar”*, que são, talvez já aqui, no sítio onde eu moro, a pessoa que está ao meu lado: não precisamos de partir para longe para anunciar o amor de Deus.

Társis, Fut, Lud, Mosoc, Rós, Tubal, Javã são onde, para mim?

Onde é que Deus me envia?

Quais são esses lugares onde Deus deseja chegar através de mim?

São lugares físicos, sim: a minha casa, a minha escola ou o meu local de trabalho, o café, o ginásio, o jardim... Mas também aquele “lugar” que é cada pessoa, “lugares” marcados pelo sofrimento ou pela solidão, pela desilusão ou pelo medo; “lugares” que esperam paz, alegria, ternura e esperança, que precisam daquela palavra ou daquele gesto que eu lhes posso dar.

O lugar onde Deus quer estar é o coração de cada um.

Não conhecemos tantos daqueles de quem Deus diz *“não ouviram falar de Mim nem contemplaram ainda a Minha glória”*?

Mesmo que estejamos inseridos em ambientes cristãos, haverá sempre familiares, amigos, colegas, a quem gostaríamos de fazer chegar a experiência de Deus que já fizemos, a amizade com Deus que nos enche o coração e nos move a vida.

Eles esperam por mim. E Deus espera que eu vá.



Palavra de Deus ao coração dos homens

A missão cristã nasce no coração de Deus, que vivendo o sofrimento do Seu povo (“Vendo a aflição do Meu povo”, cf. Ex 3), Se comove, envia profetas, envia o Seu próprio Filho na plenitude dos tempos, e em Seu nome, continua a enviar pessoas e comunidades da Igreja.

A chamada e o envio dos primeiros apóstolos: “Ide e fazei Meus discípulos todas as gentes” e a resposta deles “Dedicar-nos-emos à oração e ao ministério da Palavra” (Mt 28, 19 e Atos 6,4) iluminam a própria vocação e missão da Verbum Dei na sua obra evangelizadora. A Fraternidade centra assim a sua missão no anúncio da Palavra de Deus aos homens e mulheres de todas as raças, nacionalidades e condição social.

É uma missão dirigida ao homem nas suas dimensões mais elevadas e vitais: a capacidade de conhecer e a capacidade de amar. Missão que procura ser revelação do Amor de Deus e da realização plena da identidade humana em Jesus Cristo; missão que quer, além do mais, mostrar os caminhos singelos para conhecer Deus e para viver a vocação cristã de forma feliz e fecunda.

(<http://lisboa.verbumdei.org/carisma-e-missao>)

Dizer SIM ao Reino

- Sir 3,19-21.30-31 «Naquele tempo, Jesus entrou, a um sábado, em casa de um dos principais fariseus para tomar uma refeição. Todos O observavam. Ao notar como os convidados escolhiam os primeiros lugares, Jesus disse-lhes esta parábola: “Quando fores convidado para um banquete nupcial, não tomes o primeiro lugar. Pode acontecer que tenha sido convidado alguém mais importante que tu; então, aquele que vos convidou a ambos, terá que te dizer: ‘Dá o lugar a este’; e ficarás depois envergonhado, se tiveres de ocupar o último lugar. Por isso, quando fores convidado, vai sentar-te no último lugar; e quando vier aquele que te convidou, dirá: ‘Amigo, sobre mais para cima’; ficarás então honrado aos olhos dos outros convidados. Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado”. Jesus disse ainda a quem O tinha convidado: “Quando ofereceres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos nem os teus irmãos, nem os teus parentes nem os teus vizinhos ricos, não seja que eles por sua vez te convidem e assim serás retribuído. Mas quando ofereceres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás feliz por eles não terem com que retribuir-te: ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos.” »
- SI 67 (68)
- Hb 12,18-19.22-24a
- Lc 14,1.7-14
- (Lc 14,1.7-14)



Evangelho de hoje toca num ponto essencial, e muito difícil de executar, para a nossa vida no mundo e tempos de hoje.

Se o banquete do Evangelho de hoje reflete o «Reino», e se Jesus nos está a dizer o que é fundamental para vivermos e alcançarmos o Reino, está a ser-nos feito um convite a rezarmos sobre como podemos viver hoje o Reino, no nosso **aqui e agora**.

Jesus observa que os fariseus estão todos à procura dos melhores lugares para se sentarem e chama-lhes a atenção para que *«quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado»*.

E como estamos e vivemos no banquete do nosso dia-a-dia? É que hoje, na nossa sociedade, este é um desafio muito difícil e exigente, pois as vozes do mundo pedem-nos que sejamos «os melhores», que apareçamos como tendo os melhores lugares, sendo esse o critério de seleção para muitas funções ou papéis.

Aos olhos do mundo, não é hoje o mais importante aquilo que fazemos ou o cargo que ocupamos, a boa mãe ou pai que somos com base na forma como os nossos filhos estão vestidos, se são bons alunos, se aprendem mais do que uma língua?; não é hoje o mais importante aquele que aos 35 anos é presidente do conselho de administração de um banco ou aquele que aparenta ser o melhor, o que é mais autoritário, o que tem mais poder?

Mesmo sendo nós pessoas que ansiamos seguir Jesus, alcançar o Reino, que rezamos e dedicamos tempo a discernir os passos que damos, muitas vezes também nos deixamos influenciar pelos outros, pelas vozes do mundo, por termos um lugar, sermos reconhecidos e/ou importantes.

Principalmente quando estamos mais cansados, quando sentimos que demos tudo e que acabámos por não nos sentirmos reconhecidos ou acolhidos como queríamos, podemos ter

tendência a ter estes pensamentos e a desejarmos ser exaltados. Tudo isso é normal e acontece.

Então, qual é o convite de Jesus para vivermos o Reino já aqui e hoje?

Como posso caminhar e viver mais no sentido do Reino e da sua construção?

Como posso viver e desfrutar do banquete com Jesus, ocupando o lugar que me é reservado em cada momento e que, em muitos momentos, pode ser mais atrás, e ser feliz com isso e, desse modo, dar testemunho de Jesus?

Ocupar o lugar que me é reservado por Deus não significa não ter voz, não ter presença, não fazer aquilo a que somos chamados. Significa, sim, ser e fazer aquilo que verdadeiramente somos e queremos fazer, assumindo com humildade como estamos, como somos, que todos os dons e talentos que detivermos, nos são doados e darão frutos se bem aplicados.

Tal humildade verdadeira – que vem da verdade que escolhermos viver – será mais possível se rezarmos e se tentarmos escutar o que Deus nos pede que façamos.

Implica sermos mais autênticos e, por um lado, não cairmos na tentação de querermos ocupar um lugar que não nos foi dado e que não nos pertence e, por outro lado, ocuparmos por inteiro, e de forma verdadeira, o lugar que nos é dado, a missão que nos é dada em cada lugar.

Tudo acaba na questão de saber quais os valores essenciais pelos quais nos queremos reger. Na verdade, a resposta acaba por estar na nossa motivação e no fim e sentido que queremos alcançar e com que queremos viver no dia-a-dia em tudo o que fazemos. Até poderá conduzir a bons resultados, a ter um lugar importante

porque o que fazemos é bom, e dar frutos junto dos outros, mas esse não é o fim último e pode nem sequer acontecer. Mas se estivermos a viver a nossa verdade, fará sempre sentido.

As leituras de hoje chamam-nos a ser humildes, generosos – a dar gratuitamente – e ao amor disponível.

Somos verdadeiramente humildes? O que é a humildade?

A segunda parte do Evangelho convida-nos a chamar, para o banquete da nossa vida, não (só) os nossos amigos, a nossa família, aqueles que nos retribuem todos os dias com amor, mas sobretudo aqueles que são os pobres, os coxos, os rejeitados socialmente que, com toda a probabilidade, não nos poderão retribuir.

Uma forma de podermos amar e oferecer tempo por outros gratuitamente é rezando por eles, pelos seus momentos importantes, pedirmos a intercessão de Maria por eles. Acreditamos no poder da oração pelos outros? De que modo o fazemos e isso pode influenciar as suas vidas?

São convites muito difíceis se levados a sério no mundo de hoje. A que me convida Jesus hoje?



Maria, a jovem de Nazaré

«Desperta sempre a atenção a força do “sim” de Maria jovem. Foi diferente de um “sim” como se dissesse: bom, vamos tentar, para ver o que acontece. Maria não conhecia a expressão “vamos ver o que acontece”. Era decidida, percebeu de que se tratava e disse “sim”, sem rodeios. Foi algo mais, algo diferente. Foi o “sim” de quem se quer comprometer e daquele que quer arriscar, de quem quer apostar tudo, sem outra segurança que não seja a certeza de saber que era portadora de uma promessa. E agora pergunto eu a cada um de vós: sentem-se portadores de uma promessa? Que promessa tenho eu no coração para levar por diante? Maria teria sem dúvida, uma missão difícil, mas as dificuldades não eram razão para dizer “não”. Certamente teria complicações, mas não seriam as mesmas complicações que se produzem quando a cobardia nos paralisa por não ver tudo claramente ou por não ter tudo assegurado de antemão. Maria não comprou um seguro de vida! Maria arriscou tudo, por isso é forte, por isso é uma “influencer”, é a “influencer” de Deus! O “sim” e a vontade de servir foram mais fortes do que as dúvidas e as dificuldades».

(Papa Francisco, Exortação Apostólica “Cristo Vive”)

parte II mês missionário extraordinário / outubro 2019

Introdução

O Papa Francisco anunciou publicamente durante o Angelus, em 22 de outubro de 2017, Dia Mundial das Missões, a sua intenção de proclamar um Mês Missionário Extraordinário em outubro de 2019 para celebrar o centenário da carta Apostólica *Maximum Illud* de seu predecessor o Papa Bento XV, convidando assim a despertar a Igreja para uma maior consciência da missão.

Dedicamos por isso este capítulo do caderno de oração a este convite feito a toda a Igreja. Primeiro, recordando a Carta do Santo Padre em 2017 quando fez o anúncio, e ainda a sua oração para o Ano Missionário. Em seguida, um texto da Agência Ecclesia apresenta um resumo sobre a Nota Pastoral da Conferência Episcopal sobre o Mês Missionário. Por último, um poema de Jaime Bonet, fundador da Verbum Dei, sobre a inspiração da sua terra natal, a que chamou de "Ilha Missionária".

Excerto da Carta do Santo Padre Francisco em ocasião do
centenário da promulgação da Carta apostólica “Maximum illud” sobre
a atividade desenvolvida pelos missionários no mundo
Domingo, 22 de outubro de 2017

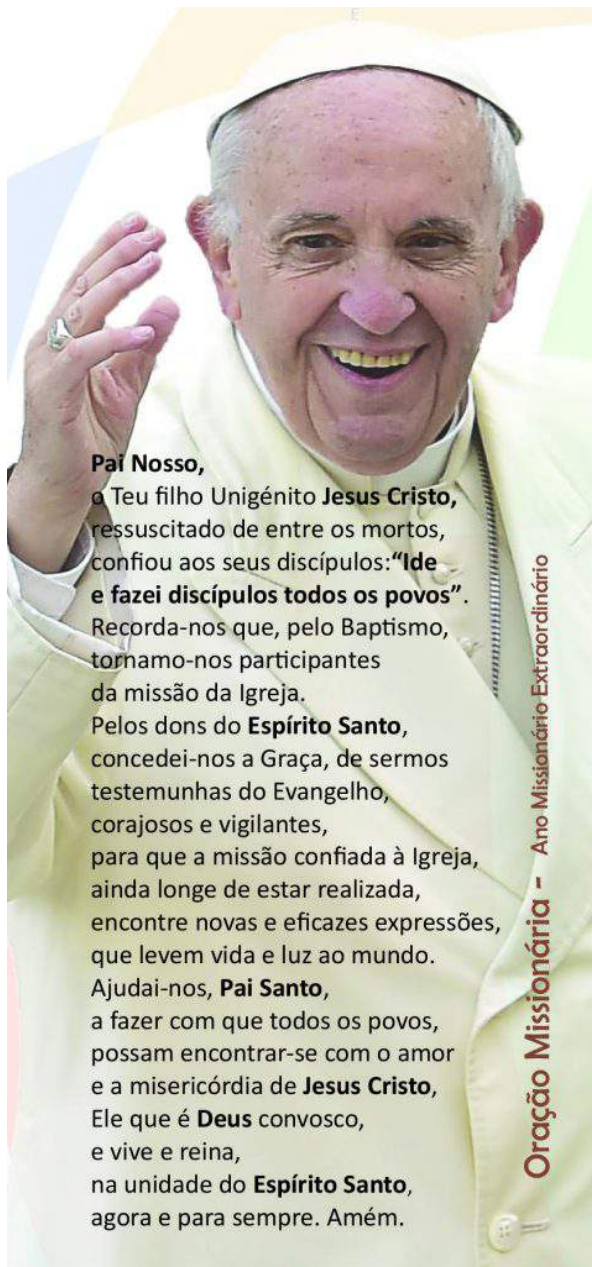
Com confiança em Deus e muita coragem, não temamos empreender «uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à auto-preservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. Como dizia João Paulo II aos Bispos da Oceânia, “toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial”».

Com estes sentimentos, acolhendo a proposta da Congregação para a Evangelização dos Povos, proclamo outubro de 2019 como Mês Missionário Extraordinário, com o objetivo de despertar em medida maior a consciência da *missio ad gentes* e retomar com novo impulso a transformação missionária da vida e da pastoral. Poderemos preparar convenientemente para ele já através do mês missionário de outubro do próximo ano, de modo que todos os fiéis tenham verdadeiramente a peito o anúncio do Evangelho e a transformação das suas comunidades em realidades missionárias e evangelizadoras; e aumente o amor pela missão, que «é uma paixão por Jesus e, simultaneamente, uma paixão pelo seu povo».

A ti, venerado Irmão, ao Dicastério a que presides e às Pontifícias Obras Missionárias, confio a tarefa de pôr em marcha a preparação

deste acontecimento, especialmente através duma ampla sensibilização das Igrejas Particulares, dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, bem como das associações, movimentos, comunidades e outras realidades eclesiais. Que o Mês Missionário Extraordinário se torne uma ocasião de graça intensa e fecunda para promover iniciativas e intensificar de modo particular a oração – alma de toda a missão –, o anúncio do Evangelho, a reflexão bíblica e teológica sobre a missão, as obras de caridade cristã e as ações concretas de colaboração e solidariedade entre as Igrejas, de modo que se desperte e jamais nos seja roubado o entusiasmo missionário.

(Do Vaticano, no dia 22 de outubro
XXIX Domingo do Tempo Ordinário
Memória de São João Paulo II
Dia Mundial das Missões – do ano de 2017)



Missões: Igreja em Portugal inicia Ano Missionário especial

CA Conferência Episcopal Portuguesa promove Ano Missionário especial em todas as dioceses católicas do país, de outubro de 2018 a outubro de 2019, respondendo a uma iniciativa do Papa Francisco.

“Ao longo deste Ano Missionário, de outubro de 2018 a outubro de 2019, façamos todos – bispos, padres, diáconos, consagrados e consagradas, adultos, jovens, adolescentes, crianças – a experiência da missão. Sair. Irmos até uma outra paróquia, uma outra diocese, um outro país em missão, para sentirmos que somos chamados por vocação a sermos universais”, refere a Nota Pastoral ‘Todos, Tudo e Sempre em Missão’, divulgada na solenidade de Pentecostes, em maio deste ano.

O documento surge depois de o Papa Francisco ter convocado um “mês missionário extraordinário” para outubro de 2019, por ocasião do centenário da Carta Apostólica *Maximum Illud*, de Bento XV.

“Acolhendo com alegria a proposta do Papa Francisco de um Mês Missionário Extraordinário para toda a Igreja, nós, Bispos portugueses, propomo-nos ir mais longe e celebraremos esse mês como etapa final de um Ano Missionário em todas as nossas Dioceses, de outubro de 2018 a outubro de 2019”, assinala a CEP.

Os responsáveis católicos de Portugal esperam que esta iniciativa promova “um maior vigor missionário em todas as dioceses, paróquias, comunidades e grupos eclesiais, desde os adultos aos jovens e crianças”.

A nota pastoral defende a necessidade de passar de uma “pastoral de mera conservação” para “uma pastoral decididamente missionária”.

“Trata-se de colocar a missão de Jesus no coração da própria Igreja, transformando-a em critério para medir a eficácia das estruturas, os resultados do trabalho, a fecundidade dos seus ministros e a alegria que são capazes de suscitar, porque sem alegria não se atrai ninguém”, precisa o texto.

parte II _____ Mês Missionário Extraordinário – Outubro 2019

A CEP sublinha que as mudanças em curso na sociedade exigem uma “renovação missionária”, reforçando o apelo à criação de Centros Missionários Diocesanos e Grupos Missionários Paroquiais.

“Que a missão universal ganhe corpo em todos os âmbitos da pastoral e da vida cristã, que nos animem a ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”, apelam.

Os bispos católicos de Portugal desejam que a formação missionária esteja presente na catequese e nos currículos dos Seminários e das Faculdades de Teologia.

O Papa Francisco indica quatro dimensões para prepararmos e vivermos o Mês Missionário Extraordinário de outubro de 2019:

- Encontro pessoal com Jesus Cristo vivo na sua Igreja: Eucaristia, Palavra de Deus, oração pessoal e comunitária.
- Testemunho: os santos, os mártires da missão e os confessores da fé, que são expressão das Igrejas espalhadas pelo mundo.
- Formação: bíblica, catequética, espiritual e teológica sobre a missão.
- Caridade missionária: ajuda material para o imenso trabalho da evangelização e da formação cristã nas Igrejas mais necessitadas.

Estas dimensões de oração, reflexão e ação propostas pelo Santo Padre, assim como o tema do Dia Mundial das Missões em 2019 – “Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo” – estarão presentes nas várias iniciativas diocesanas ao longo de todo o Ano Missionário, sempre centrados na Palavra e na Eucaristia.

(Texto retirado da Agência Ecclesia, 1/10/2018

<https://agencia.ecclesia.pt/portal/igreja-portugal-conferencia-episcopal-convoca-ano-missionario-especial-com-inicio-em-outubro/>

Consulte Nota Pastoral na íntegra em

<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/ano-missionario/>)

Maiorca, Maiorca, de Deus companheira
Maiorca Missionária
1964

A comunidade Verbum Dei foi fundada em 1963 e, ainda em 1964, o nosso fundador, Jaime Bonet, escreveu este poema. Jaime teve, desde o início, uma visão universal, sentiu o desafio de ser uma comunidade em saída, tendo o primeiro passo sido a passagem da ilha para a península Ibérica. Essa saída não foi suficiente: o mundo, os irmãos dos cinco continentes foram para ele um apelo que o obrigou a romper, a ir mais longe. Teve de deixar a sua família e a sua amada e maravilhosa ilha. Ganhou a missão, e o seu desejo de que todos conhecessem Jesus e, assim, alguns anos depois, o seu sonho concretizou-se em comunidades nos cinco continentes. Deixou a sua "Maiorca, Maiorca, a bela", dando-lhe o nome de "Ilha Missionária".

Versão portuguesa

*Maiorca, Maiorca,
de Deus companheira,
de coração de fogo
e de alma imensa,
teu peito bate
as batidas da Igreja;
para todo o mundo
voam teus amores
e cruzam os ares
qual águia real
em busca de almas,
a tua presa mais rica,
que para as alturas
do céu levas.*

Original espanhol

*Mallorca, Mallorca,
de Dios compañera,
corazón de fuego
y de alma inmensa,
palpita tu pecho
latidos de Iglesia;
hacia todo el mundo
tus amores vuelan
y cruzan los aires
cual águila regia
en busca de almas,
tu más rica presa,
que hacia las alturas
del cielo te llevas*

*Maiorca, Maiorca,
 De rara beleza;
 Em todos os lugares repetem:
 Que formosa! Que bela!
 O céu me disse
 que tu és sua estrela
 e o mar protesta
 que és sua pérola.
 O mundo inteiro canta:
 Não há como ela!
 Dizem os anjos;
 “Ilha missionária”.*

*Carícias de Deus
 entranhas do seu sonho
 teus montes e vales
 são Sua pegada
 tuas puras águas
 Seu olhar refletem.
 Nas tuas aldeias
 Sua Real presença
 as almas puras
 com Seu amor beija.*

*No teu céu formoso
 o Seu manto cubra
 a Virgem amada,
 a grande Mensageira,
 que nos altos picos
 da tua cordilheira
 com seu doce olhar
 por seus filhos vela
 e sob suas asas
 a terras distantes
 com o seu amor de Mãe
 alegre nos leva.*

*Mallorca, Mallorca,
 de rara belleza;
 doquier lo repiten:
 Qué hermosa! Qué bella!
 El cielo me dice
 que tú eres su estrella
 y me protesta el mar
 que tú eres su perla.
 Todo el mundo canta:
 Nada hay como ella!
 Comentan los ángeles:
 “Isla misionera”.*

*Caricias de Dios
 tus entrañas sueñan;
 tus montes y valles
 bien marcan sus huellas
 y tus puras aguas
 su mirar reflejan.
 Preside tus pueblos
 su Real Presencia
 que a las almas limpias
 con su amor las besa.*

*En tu hermoso cielo
 su manto te cuelga
 la Virgen amada,
 la gran Mensajera,
 que en los altos picos
 de tu cordillera
 con dulce mirada
 a sus hijo vela
 y bajo sus alas
 a lejanas tierras
 con su amor de Madre
 gozosa los lleva,*

*Maiorca, Maiorca,
de Deus companheira,
relembra o teu nome:
"Ilha Missionária".*

*Adeus, Maiorca minha,
que sempre em ti sintas
a fé dos mártires
a entrega do apóstolo,
o teu zelo fervoroso,
a tua esperança certa,
que a tua caridade o mundo
transforme em fogueira
que acenda as almas
e aqueça a terra.*

*Não esqueças, Maiorca,
tua tarefa maior,
que todas as almas do mundo
sobre ti pesam,
que o céu te deu
em tuas veias o seu sangue;
que escolhas morrer
a deixá-las perecer.*

*Maiorca valente,
Avança, não temas
que em tuas veias ferve
sangue missionário.
Não esqueças teu nome,
não aceites render-te,
pois o mundo grita-te:
que o salves ou morras.*

*Mallorca, Mallorca,
de Dios compañera,
recuerda tu nombre:
"Isla misionera"*

*Adiós, mi Mallorca,
que siempre en ti sientas
la fe de los mártires
de apóstol la entrega,
tu ferviente celo,
tu esperanza cierta,
caridad que al mundo
transforme en hoguera
que encienda a las almas
y abrase la Tierra.*

*No olvides, Mallorca,
tu máxima empresa,
que todas las almas
del mundo, en ti pesan,
que el cielo te dio
su sangre en tus venas;
escoge morirte
antes que perezcan.*

*Mallorca valiente,
lánzate, no temas
que en tus venas hierve
Sangre misionera.
No olvides tu nombre,
rendirte no quieras,
que el mundo te grita:
que salves o mueras.*

*Adeus, Maiorca minha,
Maiorca, a bela;
tenho de deixar-te,
as almas esperam-me,
meu amor me roubaram
e vou atrás delas.
Quero que um dia
a todas as vejas
ao redor da Mãe,
que adoras e beijas.
Adeus, Maiorca minha,
as almas esperam-me.*

*Adiós, mi Mallorca,
Mallorca, la bella;
tengo que dejarte,
las almas me esperan,
mi amor me robaron
y me voy tras ellas.
Yo quiero que un día
a todas las veas
en torno a la Madre,
que adoras y besas.
Adiós, mi Mallorca,
las almas me esperan.*

(Jaime Bonet)



Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Junho

16	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
18	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
19	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
25 a 27		Retiro Online – Verão
28 a 30	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
30	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h

Julho

7	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
27 a 4 Ago	<i>Oliveira do Hospital</i>	Missão "Alegria do Encontro"

Agosto

3 a 10	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Semana
24 a 31	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Semana (com Colónia)

Setembro

20 a 22	<i>Vale de Lobos</i>	Encontro de Animadores
27 a 29	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio

Mais informações e inscrições em lisboa.verbumdei.org

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

_da oração;

_do ministério da Palavra;

_do testemunho de vida evangélica.



Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38° 49' 15"; W 9° 17' 25"

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

lisboa.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21 795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com